



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III- OSMAR DE AQUINO- GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES- CH
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RENATA LÚCIO DE OLIVEIRA ARAÚJO

**PATRIMÔNIO IMATERIAL: FESTA DE SANTA INÊS E SÃO SEBASTIÃO EM
DONA INÊS-PB.**

GUARABIRA/ PB

2017

RENATA LÚCIO DE OLIVEIRA ARAÚJO

**PATRIMÔNIO IMATERIAL: FESTA DE SANTA INÊS E SÃO SEBASTIÃO EM
DONA INÊS-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
História UEPB – Campus- III como requisito
para a obtenção do título de Licenciatura
Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Fagundes Paiva Neto

GUARABIRA/ PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A234p Araújo, Renata Lúcio de Oliveira
Patrimônio imaterial [manuscrito] : Festa de Santa Inês e São Sebastião em Dona Inês - PB / Renata Lúcio de Oliveira Araújo. - 2017.
31 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Francisco Fagundes Paiva Neto, Departamento de História".

1. Patrimônio Imaterial. 2. Catolicismo Popular. 3. Santo Padroeiro. I. Título.

21. ed. CDD 320

RENATA LÚCIO DE OLIVEIRA ARAÚJO

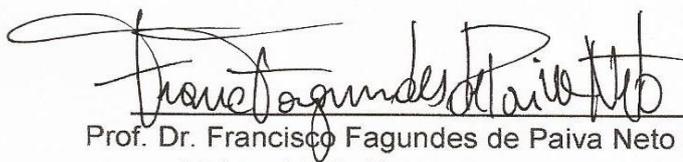
**PATRIMÔNIO IMATERIAL: FESTA DE SANTA INÊS E SÃO SEBASTIÃO EM
DONA INÊS-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do
Curso de História UEPB – Campus-
III como requisito para a obtenção do
título de Licenciatura Plena em
História.

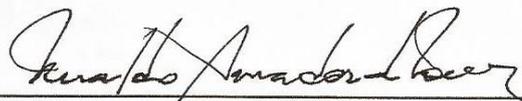
Área de concentração: História,
memória e cotidiano.

Aprovada em: R. 09/2017.

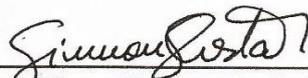
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Msc. Rivaldo Amador de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Simone da Silva Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha mãe, Maria Firmino, por todas as nossas conquistas, e a minha avó Maria da Solidade Firmino da Costa (IN MEMORIAM), que mesmo no momento tão difícil de sua vida, sorriu com minha alegria, de ter passado no vestibular para o curso de História. Dedico a Deus, por sempre proporcionar sabedoria e força para continuar minha caminhada ao longo da vida.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, meu Deus, pelo dom da vida, entusiasmo e força para concluir meu curso. Grandes foram às dificuldades, mas essas foram necessárias para meu amadurecimento e reconhecimento dos que sempre estiveram comigo.

A minha família, alicerce divino, inspiração do meu sucesso, meu porto seguro, que sempre apoiou meus estudos e nas escolhas que fiz em minha vida. Em especial, a minha irmã Rogeria Lucio e ao meu esposo Eliomar Fabrício, que sempre estiveram ao meu lado, vivenciando o meu cotidiano nessa graduação, me incentivando para superação dos momentos difíceis.

Aos meus colegas de classe pelo companheirismo, em especial a José Roberto, Djanira Menezes e Marcelino Marcolino.

Aos professores que contribuíram com minha formação, ajudando-me a ser essa pessoa na qual me orgulho, em ênfase, a Waldeci Ferreira Chagas, Rivaldo Amador de Sousa, Marisa Tayra (IN MEMORIAM), Luciana Calissi e Susel Oliveira da Rosa. Agradeço, também, a você minha eterna professora Vanuza Neves de Lima dos Santos, por ter acreditado na minha capacidade, obrigada por nunca ter me abandonado quando mais precisei. Aos funcionários e professores dos colégios Humberto Lucena e Clovis Bezerra, que me acolheram durante meu estágio, fazendo desta forma, parte da minha formação e sucesso.

A você, meu querido orientador, Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto, sou eternamente grata, por sempre acreditar no meu potencial. Obrigada por sempre estar ao meu lado, me motivando a superar minhas expectativas.

A Universidade Estadual da Paraíba, ao Campus III, e a coordenação do curso de História.

As pessoas que fazem parte da organização da Paróquia de Santa Inês e São Sebastião, que na medida do possível, disponibilizaram dados extremamente relevantes para o sucesso desse trabalho.

PATRIMÔNIO IMATERIAL: FESTA DE SANTA INÊS E SÃO SEBASTIÃO EM DONA INÊS-PB.

RESUMO

Sabemos que as festividades existentes são importantes fatores de projeção da memória e identidade da comunidade local, representando desta forma, o Patrimônio Cultural Imaterial. Em meios às questões inerentes ao patrimônio imaterial, procuramos responder a uma indagação: A de como a festa dos padroeiros se relaciona com a identidade e a memória coletiva local. A metodologia do trabalho esta associada ao uso de fonte primária (o livro de tombo), análise bibliográfica e acesso a oralidade, por meio da história oral. O artigo também busca enfatizar a importância da questão do patrimônio imaterial relacionado à religiosidade. É observável que as festas religiosas propagam a fé através de uma promessa, na qual o individuo alcançou a sua bênção, pelo santo que ele é devoto. Em nosso objeto de estudo o município de Dona Inês, o Santo padroeiro, São Sebastião, liga seu festejo mediante uma referência de situação de enfermidade seguida de promessa e cura vivenciada por um morador do município. Verifica-se que a festa de São Sebastião tem uma forte representatividade na comunidade local, se caracterizando por traços marcantes da memória social e do patrimônio cultural imaterial da cultura da religião católica.

PALAVRAS- CHAVES: Patrimônio Imaterial. Catolicismo popular. Santo Padroeiro

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Localização da cidade, Dona Inês, 2017.	20
FIGURA 2	São Sebastião e Santa Inês, Dona Inês, 2017.	21
FIGURA 3	Capela/ atual igreja mãe, Dona Inês, 2017.	22
FIGURA 4	Igreja Matriz, Dona Inês, 2017.	23
FIGURA 5	Igreja Matriz/ altar, Dona Inês, 2017.	23
FIGURA 6	Celebração da missa e Ladainhas, Dona Inês, 2017.	24
FIGURA 7	Carreata e missa, Dona Inês, 2017.	25
FIGURA 8	Procissão e missa de encerramento, Dona Inês, 2017.	25

SUMÁRIO

1 ARTIGO	09
1.1 INTRODUÇÃO	10
1.2 FESTAS RELIGIOSAS	11
1.3 CATOLICISMO POPULAR E SUA RELAÇÃO COM O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL	17
1.4 FESTA DE SANTA INÊS E SÃO SEBASTIÃO EM DONA INÊS	20
1.4.1 São Sebastião e Santa Inês	20
1.4.2 Origem da festa	21
1.4.3 Organização do Novenário de Santa Inês e São Sebastião	24
1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
ABSTRACT	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXO A. (Modelo carta de cessão)	32

1 ARTIGO

PATRIMÔNIO IMATERIAL: FESTA DE SANTA INÊS E SÃO SEBASTIÃO EM DONA INÊS-PB.

Renata Lúcio de Oliveira Araújo¹

Francisco Fagundes Paiva Neto²

1. Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em História, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, Brasil.
2. Professor orientador, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, Brasil.

1.1 INTRODUÇÃO

O Patrimônio Cultural Imaterial que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, tais são as vivências coletivas que envolvem diversas faces da vida social, desde antigamente até hoje, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Viver e usufruir, desse patrimônio, significa retomar e reforçar a identidade, ao passo que a transmissão do patrimônio imaterial eleva a autoestima das comunidades, de acordo com a convenção para a sua salvaguarda (CASTRO e FONSECA, 2008; PELEGRINI e FUNARI, 2008). Deste modo, tal é representado pelas manifestações culturais, pelos usos, costumes, modos de criar, de fazer e de viver de um povo (SOUZA, 2008).

O reconhecimento do patrimônio imaterial, do nosso país, aconteceu com a publicação da Constituição Federal de 1988 em seu artigo 216 onde considera como bem as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as obras, objetos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico- culturais assim como as criações científicas, tecnológicas e artísticas e os conjuntos urbanos e de sítios de valos histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Sabe-se que apesar de tentar manter um senso de identidade e continuidade, este patrimônio é vulnerável uma vez que está em constante mutação e multiplicação de seus portadores. Por esta razão, a comunidade internacional adotou a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial em 2003. Essa convenção regula o tema do patrimônio cultural imaterial e, assim, complementa a Convenção do Patrimônio Mundial, de 1972, que cuida dos bens tangíveis, de modo a contemplar toda a herança cultural da humanidade. É observável que há muito mais do que o físico contido nas tradições (o folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações), sendo recriadas pela coletivamente, modificadas ao longo do tempo e transmitidas oralmente ou gestualmente. Ciente da importância dessa forma de patrimônio e da complexidade envolvida na definição dos seus limites e de sua proteção, a Organização das Nações Unidas para Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) vem, nos últimos vinte anos, se dedicando para criar e consolidar ferramentas e

mecanismos que conduzam ao seu reconhecimento e defesa. Em 1989, a Organização estabeleceu a recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular e, desde então, vem excitando a sua aplicação ao redor do mundo. Esse instrumento legal fornece elementos para a identificação, preservação, continuidade e disseminação dessa forma de patrimônio (UNESCO, 2017). Para atender às determinações legais e criar instrumentos adequados ao reconhecimento e à preservação desses bens imateriais, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que é considerado uma autarquia Federal vinculada ao ministério da cultura e que responde pela preservação do patrimônio cultural brasileiro, conduziu estudos que resultaram na edição do decreto nº 3551/2000, que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais- INCR (IPHAN, 2017). Pelo registro de bens culturais e natureza imaterial as festas que marcam a vivência coletiva da religiosidade, esta inserida no livro de registro de celebrações (PELEGRINI, 2008). Estas expõe a cultura, são acontecimentos relevantes que definem condutas e organizam a história local (CURADO e LÔBO, 2011).

1.2 FESTAS RELIGIOSAS

A caracterização das festas religiosas varia de um lugar para outro. Saraiva e Silva (2004) analisou, dentre outras coisas, as características das festas religiosas (festividades de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Nossa Senhora da Saúde, Nossa Senhora de Nazaré e São Sebastião) em comunidades ribeirinhas. Segundo os autores os eventos demonstram momentos de identidade e possui um próprio modo de ser realizado. Os festejos dos ribeirinhos representam agradecimento/ devoção (suas promessas e graças recebidas, são cumpridas por meio de rituais, traduzidos na forma de festas religiosas, almoços comunitários, missas, procissões, novenas, bailes) e também saúda um novo período produtivo que se inicia nessas comunidades (início do período de plantio), assim como uma solução de um grave problema, e a saúde recuperada, resultando em agradecimentos. A festa religiosa necessita de vários espaços para sua realização, modificando o espaço onde habitam, possuindo características sagradas (procissão e celebração) e profanas (comércio, leilões e baile). Vale destacar que o povo ribeirinho não divide seu modo

de vida entre o sagrado e o profano, sendo os acontecimentos que envolvem a fé e devoção, que vão determinar um ou outro, ou ambos.

Por sua vez, a festa do divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes/São Paulo, tem mais de 300 anos (notícias de revistas, jornais e panfletos), porém não existe nenhum documento que comprove isso, além de uma provisão encaminhada pela respectiva paróquia (Santana de Mogi das Cruzes) à Arquidiocese de São Paulo, com data de 1822. Na metade do século XIX, a denominação de “festeiros” começa a aparecer em substituição às designações de imperador e imperatriz (nomeação à alguém para ser coroado como Imperador, referência adquirida por Portugal, que foi introduzida no Brasil com o início da colonização para presidir a festa). Provavelmente, a população do campo que vivia com base na produção de subsistência aproveitava a festa para comercializar ou trocar seus excedentes. Os palmitos (trazidos do meio rural, alimento abundante na época) entravam na cidade, representando a distribuição da fartura condizente com o fundamento da festa: a caridade, o fim da miséria, justiça etc. Logo com a influência da modernidade e evolução do homem o modo de festejar o espírito santo também modifica-se. A festa era constituída por alvoradas, folia do divino, brincadeiras para crianças, procissão do espírito santo, distribuição de presentes para os presos e de coisas para os pobres. Também se tinha um livro de ouro (1930) onde os organizadores tinham que ser fluentes junto às elites para maiores somas para a festa, pois uma festa bem sucedida garantiria benção a todos. Uma presença marcante de grupos folclóricos e desfile da entrada do palmito com o objetivo de atrair turistas e programas de TVs, apresenta uma nova forma de pensar e organizar a festa do divino em nome da tradição e cultura popular (MARIANO, 2016).

Barros e Nascimento (2011) realizaram uma abordagem sobre a Festa de São Sebastião, que é o padroeiro de Encanto, Rio Grande do norte- RN, destacando o espaço sagrado e o profano, território e lugar. Sabe-se que a festa em louvor a São Sebastião iniciou em 1877, (relatos históricos, diálogos com os moradores e pesquisa nos arquivos da secretaria paroquial), isso devido a uma promessa feita pela família Lima, para se livrarem da doença que afetou parte da população residente da época. Eles foram atendidos e então construíram uma capela, que com o crescimento da cidade, necessitou de uma igreja maior, e com esse constante crescimento a igreja de São Sebastião necessitou de reformas e transformações. Essa festa religiosa começa a ser preparada no mês de dezembro, onde

culturalmente a imagem de São Sebastião sai em peregrinação pelas comunidades que fazem parte da paróquia. Um mastro do padroeiro (bandeira, manifestação popular) é levantado marcando o início da festa às cinco horas da manhã, do dia 10 de janeiro, com fogos de artifício e músicas. A festa consiste em 10 dias, com vários eventos religiosos e sociais como alvoradas, novenas, missas, procissões e eventos culturais e sociais. Existem dois elementos que demarcam o espaço sagrado da igreja, tem-se o fixo que é a igreja, o qual tem os eventos religiosos e o entorno onde acontece as atividades sacro- profanas (venda de objetos e produtos para arrecadar recursos para a igreja). As novenas ocorrem nas comunidades durante nove noites e as pessoas acompanham vendo a efetividade da festa. Os festejos sejam eles sacros ou profanos (festas dançantes, clubes privados, festas de ruas) atraem visitantes, tendo uma intensa movimentação. Os festejos ocupam vários espaços, específico para cada momento. O trajeto da procissão continua inalterado e as pessoas pagam suas promessas de vermelho (indumentária icnográfica do padroeiro) e descalços.

A folia do Zé Pereira (celebração pré-carnavalesca) acontece há pelo menos cem anos na Freguesia do bairro Ribeirão da Ilha- Florianópolis, e ao longo do tempo vem se transformando. Em 2007, tal foi apontado como um bem de referência na categoria “Formas de Expressão” pelo levantamento preliminar feito no Ribeirão para o Inventário “Freguesias Luso-Brasileiras na Grande Florianópolis”. Durante um período (1895 e 1930) Zé Pereira era festejado regularmente e obedecia a uma programação considerada tradicional (banho à fantasia ou joga n’água, entrudo, desfile de carros de alegoria e mutação, apresentação de blocos e bailes em clubes). Atualmente realiza- se os bailes em clubes sendo considerado como tradição, segundo moradores. A festividade é ainda um anúncio do carnaval, acontece todo o ano e mobiliza grande parte da comunidade. A festa ocorria todos os finais de semana durante os dois meses antecedentes ao carnaval. Hoje ela acontece sempre no último domingo antes do início do carnaval e os moradores costumam participar o que tomou grandes proporções envolvendo até mesmo moradores de outras localidades e turistas, refletindo diretamente na dinâmica. Apesar das mudanças ocorridas, a celebração continua a ser um dos principais eventos realizados na localidade. Tal é considerado um patrimônio cultural e imaterial por reconhecimento dos seus valores e por pratica-los (SILVEIRA, 2012).

Pires (2011) por sua vez reanalisa dados de campo observados na festa de São Sebastião em Catingueira (2000 elaborado para monografia e 2002 para dissertação) e analisou a festa em 2009 e 2010. A festa é considerada como um momento especial na existência daquela comunidade, sendo marco, que inaugura um ritmo social diferente daquele do cotidiano. A celebração de São Sebastião ocorre em dez dias de festa, com nove noites de novena (para cada noite tem um responsável por conduzir a festa seja com fogos de artifício, liturgia ornamentada, igreja enfeitada, banda de música etc). Os casamentos e batizados (Igreja católica) são preferencialmente agendados no período da festa, brigas e reconciliações (pessoais ou políticas) assim como as afirmações de pertencimento religioso. Vale destacar que existem momentos dedicados aos diferentes aspectos da celebração, a parte “religiosa” e a “profana”. A festa conta com um Leilão das Penosas (galinhas assadas) que é organizado pela igreja, onde todo dinheiro é computado como parte do resultado do festejo. Existe outro espaço da festa que é marcado pelas barracas (com comidas, bebidas, jogos de azar diversos e brincadeiras) e parque de diversões. Existem os bailes que são feitos na quadra de esportes (são pagos) e os shows (gratuitos) que são organizados pela prefeitura em um palanque principal na rua. O autor acredita em uma estratificação social, onde prevê lugares adequados para os diferentes grupos sociais. Nos leilões havia uma clara demarcação social, os da zona rural, considerados pobres, eram ausentes nos pavilhões, assim como os moradores do sítio, que ficavam em pé olhando o decorrer dos leilões, existindo uma presença marcante dos filhos-ausentes, políticos e pessoas consideradas ricas. As galinhas eram arrematadas por um preço alto (chegaram em 2009 a 600 reais) subindo o valor em “ano de política”. No ano de 2002, as galinhas assadas (frias, sem gosto e magras) passaram a ser feitas por um restaurante da região (a igreja contratou) tornando-se saborosas. No ano de 2009, dois jovens criaram uma noite atípica no dia 20 (O dia 20 é dedicado ao santo, começa com a alvorada às 5 horas, prossegue com a missa e a realização de batizados e terminar com a procissão, à noite não tinha nada), uma festa fora dos padrões, onde chamavam talentos locais para se apresentarem ao público. Mas por pedido do novo pároco da cidade, no ano de 2010 não houve. Neste ano, com novo padre, se teve uma presença maciça dos homens nos terços para os homens, conversão, casamento coletivo de “amancebados”, proibiu bebidas alcoólicas no pavilhão, reduziu gastos (com fogos de artifício, banda de música etc), visando o fim da ostentação e incentivo à

participação dos setores menos privilegiados. O padre criou a quermesse (comes e bebes) após as novenas e realização de bingos (incluindo os considerados pobres) e o leilão deixou de ser o lugar só dos ricos. Por fim contradizendo previsões pessimistas (até mesmo pelo fim da bebida alcoólica), a festa rendeu um lucro superior ao dos últimos anos.

O Arraial de Nazaré em Belém do Pará acontece no mês de outubro, apresentando interação social a partir das diversas práticas de lazer vivenciadas durante a quinzena festiva do Círio de Nazaré. O Círio, por sua vez, é uma manifestação cultural abrangente, que acontece mesmo antes da sua institucionalização em 1793 (homenagem a Nossa Senhora de Nazaré), configurando-se como evento significativo do calendário turístico em âmbito nacional e internacional. Durante esse período, a cidade vive momentos de intensa transformação, onde se tem vários eventos, sendo a procissão o principal evento do Círio, estando o sagrado e o profano unidos nas celebrações. Até 1981 o arraial funcionou em frente a atual Basílica de Nazaré, no então chamado largo de Nazaré, que nos últimos anos passou a ser chamada de praça santuário. Tal praça também foi palco de muitas manifestações lúdicas populares da região. O arraial passou por inúmeras intervenções por partes de seus organizadores (proibição de varias coisas profanas), isso devido a preocupação em seguir visões religiosas e morais vigentes. Houve a construção do Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN) em 1982 e a transferência do arraial para uma área lateral de propriedade da igreja. Uma das principais justificativas para essa mudança era que as práticas populares, assim como a aparência física do lugar expressavam “uma aparência provinciana e pouco higiênica”. Teve-se uma revitalização da praça pública (construção de novos elementos arquitetônicos e paisagísticos) que apontava uma nova tradição dada pelos organizadores do Círio, onde ate certo ponto, foi conquistada. A partir da década de 90 com o avanço das músicas católicas no Brasil a diretoria da festa deu inicio à organização do Festival da Canção Mariana e, recentemente (2005), ao Círio Musical com apresentação dos famosos padres cantores e grupos (bandas) de músicos católicos, lançamento de CDs de músicas em homenagem ao Círio, organiza exposições e leilões de artes plásticas, de fotografias, de mantos, organiza feiras de artesanato e de comidas regionais, mostrando o vínculo do campo religioso com outras esferas não religiosas. Em 2007 e 2008 teve-se a presença de muitas barracas (de bebidas alcólicas e de tabuleiros de jogos, de comidas típicas e de

produtos religiosos e feira de artesanato- organizada pelo SEBRAE), armadas em localidades mais afastadas da basílica, fora dos arcos que delimitam o arraial, afirmando que, cada vez mais, a diretoria da festa decide o que é mais pertinente para o arraial. Sendo observável, nesse sentido, certo esvaziamento, pelo deslocamento de diversas atividades culturais do Círio para o CAN e outros espaços modernizados e/ou nobres da cidade. Isso ocorre também em função da existência de variadas programações “profanas” por toda a cidade. Por fim é destacável o grande objetivo da diretoria em fazer um espaço permanentemente de visita, junto aos órgãos governamentais e empresas interessadas no desenvolvimento do setor turístico da região, com parque e barracas de produtos variados (religiosos, artesanais, comidas típicas da região, brindes), missas campais e visitação da imagem de Nossa Senhora de Nazaré (na Praça Santuário), e shows de músicas pertencentes à fé católica- na concha acústica da praça (MATOS, 2010).

Aragão e Macedo (2011) tiveram como objetivo principal abordar os aspectos da Festa do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão- Sergipe. Os autores afirmam que o patrimônio cultural inserido na festa ao Nosso Senhor dos Passos está intensamente ligado ao patrimônio humano, uma vez que a festa processional em São Cristóvão é sempre acompanhada por pessoas devotas. Os fiéis rezam o Ofício da Paixão de Jesus Cristo, seguido de uma missa, a partir da sexta à noite, iniciando o ritual católico. A primeira procissão (composta por sete paradas estabelecidas e mantidas conforme tradição, recordando os setes passos da Paixão) é no sábado à noite com cânticos ligados aos passos da Paixão. Existe a Procissão do Encontro no domingo com manifestações de fervor religioso, onde as pessoas agradecem pelas graças alcançadas ou pedem por intermédio de Jesus ou Maria para alcançar algum benefício. Através da festa criou- se o Museu dos Ex-votos. Existe uma sala anexa a igreja do Senhor dos Passos, que durante (dois dias) a celebração, os devotos trazem objetos referentes à graças alcançadas em pagamento de promessas (peças em madeira, gesso e parafina, representando partes do corpo humano, fotografias, mechas de cabelo etc.) criando o próprio acervo do museu. É grande o fluxo de pessoas que visitam este museu na festa de Jesus rememorando a *Via Crucis*. Nessa Festa é observável características de piedade, devoção e penitência pública, ligadas ao sentimento de solidariedade e identidade religiosa. Os visitantes- devotos, pela fé religiosa, fixam uma viagem de sacrifício, onde a penitência e o sofrimento são o reflexo do exemplo de Cristo.

A festa religiosa é disseminada, sobretudo nos interiores, nas pequenas cidades brasileiras, sem distinção. Vemos que há santos (as) padroeiros (as) que são definidos para socorrer nas situações difíceis do cotidiano. Em nosso objeto de estudo o município de Dona Inês, o Santo padroeiro, São Sebastião, liga seu festejo mediante uma referência de situação de enfermidade seguida de promessa e cura vivenciada por um morador do município. Contudo a festa de São Sebastião tem uma forte representatividade na comunidade local, se caracterizando por traços marcantes da memória social e do patrimônio cultural imaterial da cultura da religião católica.

1.3 CATOLICISMO POPULAR E SUA RELAÇÃO COM O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O catolicismo popular é apenas um modo da religião popular, uma forma específica de religiosidade e sua maior expressão de devoção encontra-se no culto aos santos (MESQUITA, 2015). O modelo brasileiro exibe várias expressões, dentre tais podemos citar que é vivida pelos católicos “sem Igreja”, tendo muito santo, reza, devoção e capela e pouco sacramento, missa e Igreja. Esse tipo de catolicismo é praticado por uma população com pouca ligação com a oficialidade da Igreja. (HOORNAERT, 1994, apud MESQUITA, 2015, p. 06).

Durante o catolicismo medieval, a devoção aos santos se tornou mais intensa, pois o cristianismo passou a expandi-los como heróis (durante a vida e após a morte) pelo mundo. Consecutivamente os santos foram ganhando devotos e suas relíquias e lugares onde fizeram milagres se tornaram sagrados (COMBLIN, 1968, apud MESQUITA, 2015, p. 11). O cristianismo foi trazido para o Brasil e apresentado aos indígenas, aos africanos e a seus descendentes em situação de escravidão, criando-se um cristianismo milagreiro com a devoção aos santos, estando presente, principalmente, no povo pobre (MESQUITA, 2015).

Souza (2013) considera a procissão, romaria, milagre e a festa como vertentes do catolicismo popular. As procissões realizadas em algumas festas religiosas simboliza o pertencimento dos fieis à igreja, ocorre nas ruas caracterizando-se por uma cerimonia eclesiástica e profana. O autor diz que a procissão afirma a autoridade da fé sobre o espaço profano, inserindo à autonomia

da igreja e fazendo com que a identidade cristã seja firmada em si próprio e para quem se mantém alheio a fé. As romarias, por sua vez, se ligam ao culto às personalidades tidas como milagrosas, sejam elas reconhecidas ou não pela Igreja. Elas exprimem o desejo de encarnar o sofrimento de Cristo e de imitá-lo. O Pelegrino é valorizado por ter visitado um local sagrado, por incorporar a sua sacralidade e pela dificuldade do percurso, introduzindo o sentido do sofrimento que o ato de percorrê-lo lhe impôs.

Souza (2013) descreve que o milagre como um momento único de interação entre o céu (divino) e a terra (natural), onde uma intervenção sobrenatural muda às leis da natureza, transformando aquilo que não poderia mudar. Ele não pode ser repetido devido ao seu caráter extraordinário, podendo ser ritualizado, estando os seus efeitos inalterados, sendo, eles próprios, dotados de uma força transcendente e milagrosa. A promessa, a festa e um conjunto de ritos visam ganhar o favor do santo, fazendo com que ele interceda em benefício do seu cotidiano, o protegendo e o salvando. As promessas podem visar os mais diferentes objetivos, sendo feita de diversas formas e os pedidos podem ser encaminhados de diferentes maneiras.

As festas religiosas se caracterizam por acontecimentos fruto do sincretismo religioso, trazendo consigo propriedades que moldam o espaço, transformando-o num lugar único. Tais representam mudança, modificam o espaço e muda o tempo das comunidades, essas características são mais visíveis, em algumas festas, onde se tem a construção de novas igrejas e a criação de espaço próprio para o santo padroeiro (SARAIVA e SILVA, 2004).

É observável que as festas brasileiras em devoção aos santos continuam atraindo pessoas que se deslocam de diversas partes do Brasil, isso desde o século XVI (início do período colonial) até a atualidade, sendo motivadas em render graças através de pagamento de promessa, pedido de graça e participação em procissão. Ser devoto a um Santo contribui para afirmar uma personalidade baseada em ações, discursos e experiências que moldam o indivíduo na direção do objeto sagrado. O turismo cultural-religioso não é a única forma de impulsionar esses estímulos, mas através do deslocamento, promove o fluxo de pessoas em busca de atividades sensoriais e emocionais. A movimentação aos locais sagrados consolida a religiosidade como fator de identidade em uma sociedade enquadrada numa crença (ARAGÃO e MACEDO, 2011). Desta forma, vemos que as festas religiosas

propagam a fé através de uma promessa, na qual o indivíduo alcançou a sua bênção, pelo santo que ele é devoto.

Caponero e Leite (2010) citam a legislação nacional, que prevê o registro do patrimônio imaterial como forma de salvaguarda e preservação das práticas culturais que constituem a identidade e memória nacional das gerações seguintes. Dentre esses bens registráveis, citamos às festas populares. Tomando como ponto de partida verifica-se que podemos inferir que as festas religiosas (festas do padroeiro) tem total relação com o patrimônio cultural imaterial, sendo destacadas pela tradição recriada pelas comunidades, representações (imagens do santo padroeiro), práticas (novenário, missas, procissões e leilões), lugares culturais (igrejas) que lhe são atribuídos e por ser um evento festivo.

1.4 FESTA DE SANTA INÊS E SÃO SEBASTIÃO EM DONA INÊS

A cidade de Dona Inês está localizada na região do curimataú (agreste paraibano) a aproximadamente 160 km da capital João Pessoa, possuindo uma população predominantemente católica (IBGE, 2017).



Figura 1: Localização da cidade, Dona Inês, 2017.
Fonte: IBGE.

1.4.1 São Sebastião e Santa Inês

São Sebastião (**Figura 2**) de família nobre vivia em um tempo em que os cristãos já não eram mais perseguidos. Tal tinha um cargo importante na hierarquia militar, sempre dissimulando a sua condição cristã. Quando o imperador descobriu essa condição, se sentiu traído e decretou que ele fosse morto à flechadas. São Sebastião conseguiu se salvar devido à ajuda de uma viúva chamada Irene, que retirou as flechas do seu peito e tratou as feridas. Quando se recuperou, foi até o imperador e pediu que ele deixasse de perseguir os cristãos, mas o imperador não desistiu e mandou espancá-lo, e tal não resistiu. São Sebastião é procurado quando epidemias estão presentes, pois dizem que ele atendeu varias preces, como a de Roma em 680¹.

Santa Inês (**Figura 2**) pertencia à nobreza romana, era destacada por uma beleza, e seu nome significa “pureza” em grego. Mesmo recebendo proposta de casamento aos 13 anos de idade, pelo filho do prefeito de Roma, Inês dizia que consagrara inteiramente a Deus. O seu pretendente a acusou ao Imperador Diocleciano como adepta ao cristianismo, sendo então, torturada e condenada à morte. Inês morreu degolada e foi enterrada na Via Nomentana (proximidades de Roma), onde mais tarde fez-se uma igreja em sua devoção¹.



Figura 2: São Sebastião e Santa Inês, Dona Inês, 2017. Fonte: Cruz terra Santa

1.4.2 Origem da festa

A festa de Santa Inês e São Sebastião tem mais de 80 anos². Existe um livro de tomo da igreja, onde se tem o registro da festa, este foi feito em 19 de outubro de 1991, tendo como colaboradora Antônia Gomes da Costa Ferreira¹. Mas não existe uma Lei específica sobre a festa. Sabe-se que o Conselho Municipal de

¹ Informações do livro tomo (livro que registra, lista e inscreve bens nos arquivos da igreja), da novena de Santa Inês e São Sebastião, compartilhado pela secretária (há 20 anos) da Paróquia, Maria Nilma Pereira Borges.

² Informações adquiridas pela entrevista com Maria Nilma Pereira Borges, secretária da paróquia.

Cultura prepara um calendário de eventos anuais, incluindo a Festa, reconhecendo a importância desta tradição para a cultura local³.

A sua origem se deu por uma promessa a São Sebastião, feita pelo senhor Manoel Ferreira de Lima (conhecido como Manuel Praeiro), que sofria de uma enfermidade que não cicatrizava. Manoel prometeu que se ficasse curado, rezaria todos os anos uma novena para o santo. Tendo alcançado a graça de ficar curado da enfermidade, Praeiro começou a rezar a novena ao santo em Janeiro de 1936, continuando nos anos seguintes. Em 10 de julho de 1995 a igreja de Dona Inês recebeu o título de Paróquia sob liberação do Bispo Marcelo Pinto Carvalheira, passando a ter como padroeiros o já conhecido e venerado São Sebastião e Santa Inês em virtude do nome da cidade, passando a se chamar a partir daquela data, Paróquia de Santa Inês e São Sebastião, daí o nome da festa. Sabe-se que por volta de 1852 foi construída a primeira capela de Dona Inês, conhecida hoje como igreja mãe (**Figura 3**), onde pouco tempo depois os padres de Bananeiras começaram a celebrar missas, casamentos e batizados. Desde o início a população tinha devoção de rezar a novena de Nossa Senhora da Conceição (celebrada em 8 de dezembro), tal era a padroeira da Capela. Porém após a graça alcançada do senhor Praeiro, a notícia de cura intercedida por São Sebastião foi se espalhando entre a população e com ela crescia a devoção pelo Santo e o número de pessoas que participavam da novena¹.



Figura 3: Capela/ atual igreja mãe, Dona Inês, 2017. Fonte: Maria Nilma Pereira Borges. Em setembro de 1972 o Padre José Floren chegou à cidade e vendo a necessidade de uma igreja maior, no ano de 1975, iniciou a construção de uma nova

³ Informações adquiridas pela entrevista com Edson Felipe Pereira da Silva, coordenador do grupo de oração Amanhecer.

igreja, a igreja Matriz (**Figura 4**) de Nossa Senhora da Conceição, na qual foi inaugurada mesmo inacabada no ano de 1976. Por esse tempo a festa de São Sebastião já era tida como a festa do padroeiro, mesmo com o incentivo dos padres ao novenário de Nossa Senhora da Conceição, essa devoção foi sempre tida como secundária¹.



Figura 4: Igreja Matriz, Dona Inês, 2017. Fonte: PASCOP-Pastoral da Comunicação.

A Igreja Matriz é constituída de um altar, onde se tem a estátua de Santa Inês e de São Sebastião, Padroeiros da cidade (**Figura 5**)



Figura 5: Igreja Matriz/ altar, Dona Inês, 2017. Fonte: arquivo pessoal.

1.4.3 Organização do Novenário de Santa Inês e São Sebastião

No início o novenário de São Sebastião terminava com a celebração de uma missa (**Figura 6**) e a procissão com a imagem do santo pela cidade. Com o passar do tempo às comunidades da zona rural começaram a participar, e depois até pessoas de outras cidades. Nesse tempo os fiéis da zona rural passaram a fazer doações (animais, frutas e sementes) para serem leiloados na festa da igreja. O novenário se tornou um grande evento religioso e posteriormente passou a integrar uma festa de rua (profano), em frente à igreja logo após a missa. Nessa festa de rua, era armado um pavilhão para diversão popular, sendo o lucro revertido à igreja para reformas e aquisição de objetos religiosos. Depois de um tempo essas festas de ruas foram abandonadas, ficando o novenário, com missas e leilões¹. Existiam também as ladainhas (**Figura 6**), cantadas por grupos da fita azul e vermelha².



Figura 6: Celebração da missa e Ladainhas, Dona Inês, 2017. Fonte: Maria Nilma Pereira Borges.

Em 2008, Padre Roberivaldo Antônio da Silva assumiu a paróquia, junto com o advento das mudanças ao longo do tempo. O novenário, atualmente, dura 10 noites. Para cada noite, existe uma programação sagrada (seja missa, novena, ofício do divino, batizados, ou junção desses) onde cada dia tem um padre responsável, assim como um grupo. O novenário se inicia com a novena, e carreata (**Figura 7**)

vindo da igreja de Nossa Senhora de Guardalupe, da comunidade de Queimadas, até a igreja matriz, onde é celebrada a missa (**Figura 7**) e abençoado os veículos².



Figura 7: Carreata e missa, Dona Inês, 2017. Fonte: PASCOM- Pastoral da Comunicação.

Houve a preservação da finalização do novenário, que ainda continua com a procissão das imagens dos santos (**Figura 8**), saindo da igreja mãe, percorrendo pela cidade, até retornar a referida igreja, onde é celebrada a missa (**Figura 8**) de encerramento, hoje campal².



Figura 8: Procissão e missa de encerramento, Dona Inês, 2017. Fonte: PASCOM- Pastoral da Comunicação.

A comissão que faz parte da organização da parte sagrada da festa, também fica responsável pela parte profana, constituída por quermesse, bingos (ocorrido todas as noites) e atrações culturais (os leilões deixaram de existir). Essa comissão é responsável por conseguir doações, tanto para o bingo, quanto para as despesas da Festa, como por exemplo, as flores para o altar. As doações não só vem da zona rural como antes, mais da população e comerciantes da Cidade. A comissão sai em campo fazendo essa arrecadação, sendo que por se tratar de uma tradição, muitas doações chegam de forma espontânea. Vale salientar que há algum tempo deixou de se vender as cartelas do bingo, hoje o bingo é para os dizimistas, que recebem gratuitamente 9 cartelas, com as quais irão concorrer toda noite após a Novena³.

Todo dinheiro vindo dos lucros da Festa dos Padroeiros (quermesse, doações, ofertórios) é utilizado para fins de evangelização (reformas na estrutura física da Igreja, doações às famílias carentes, viagens, formações, eventos) assim como anteriormente. A Paróquia como as demais, dispõe de uma conta bancária, onde o dinheiro é depositado e fica sendo utilizado de acordo com a necessidade. A cada ano é feita a prestação de contas, na qual se expressa às entradas e saídas da Festa, sendo apresentada aos animadores de comunidades e coordenadores de grupos em reunião, e ainda é afixada no quadro de avisos da Secretaria Paroquial, bem como no da própria Igreja, estando assim disponível a todos os fiéis³.

Esse nome “Festa de Santa Inês e São Sebastião” foi dado por causa da associação do novenário e shows (hoje públicos) feitos no mesmo período. É destacável a importância dessa festa na vivência local da comunidade, é uma prática cultural, relacionada com a identidade e memória coletiva local, que passa de geração e geração, constituindo um matrimônio cultural e Imaterial.

1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos destacar que a festa é considerada muito importante para a cidade, onde desde que foi concedido o milagre o numero de devotos só foi crescendo e esta passou a ser identidade local da cidade. A cada ano esse acontecimento é reafirmado em meios às outras promessas alcançadas, fazendo desta forma, parte da memoria coletiva local. É observável a vivencia e o cotidiano da comunidade mantendo assim essa memória viva, que se transmite de geração em geração. Também é destacável o aumento do número de visitantes para prestigiar os momentos sagrados e profanos dos padroeiros (Santa Inês e São Sebastião).

IMMATERIAL HERITAGE: FEAST OF SANTA INÊS AND SÃO SEBASTIÃO IN DONA INÊS-PB.

ABSTRACT

We know that existing festivities are important factors in projecting the memory and identity of the local community, representing in this way the Immaterial Cultural Heritage. In means to the questions inherent in the immaterial heritage, we try to answer a question: How the patron saint's feast relates to identity and the local collective memory. The methodology of the work is associated with the use of primary source (the book of tombo), bibliographic analysis and access to orality, through oral history. The article too seeks to emphasize the importance of the issue of immaterial heritage related to religiosity. It is observable that religious festivals propagate the faith through a promise in which the individual has attained his blessing by the saint he is devout. In our study object the municipality of Dona Inês, the patron saint, São Sebastião, connects his celebration with a reference to the situation of illness followed by promise and cure experienced by a resident of the municipality. It can be seen that the feast of Saint Sebastian has a strong representation in the local community, characterized by remarkable features of the social memory and immaterial cultural heritage of the culture of the Catholic religion.

KEYWORDS: Immaterial Heritage. Popular Catholicism. Patron Saint.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, I. MACEDO, J. R. Turismo religioso, patrimônio e festa: Nosso Senhor dos Passos na cidade sergipana de São Cristóvão. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 11, n. 3, 2011.

BARROS, S. C. B; NASCIMENTO NETO, L. E. Um olhar geográfico na festa de São Sebastião no Encanto- RN. **Geo temas**, v. 1, n. 1, p. 48- 58, 2011.

CAPONERO, M. C. LEITE, E. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, Patrimônio Imaterial e turismo. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, v.7, n. 10, 2010.

CASTRO, M. L. V; FONSECA, M. C. L. Patrimônio imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais. Brasília: UNESCO. **Educarte**, 2008.

COMBLIN, J. Para uma tipologia do catolicismo no Brasil. In: MESQUITA, F. A. A Veneração aos Santos no Catolicismo popular brasileiro – Uma aproximação histórico-teológica. **REVISTA DE TEOLOGIA**, v. 9, n. 15, 2015.

CURADO, J. G. T. LÔBO, T. C. Festas do Catolicismo popular: expressões identitárias presentes em Pirenópolis-Goiás. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, n. 35. 2011.

FERREIRA, A. G. C. Livro de Tombo. Arquivo Paróquia de Santa Inês e São Sebastião. Dona Inês-PB. 19/10/1991.

HOORNAERT, E. Thales de Azevedo e a sociologia do catolicismo no Brasil. In: MESQUITA, F. A. A Veneração aos Santos no Catolicismo popular brasileiro – Uma aproximação histórico-teológica. **REVISTA DE TEOLOGIA (RevEleTeo)**, v. 9, n. 15, 2015.

MARIANO, Neusa de Fátima. Religiosidade popular e espetáculo: a festa do Divino de Mogi das Cruzes - SP. **Cadernos CERU**, [S.l.], v. 19, n. 2, 2008.

MATOS, L. S. A Festividade do Círio de Nazaré e as transformações do arraial: Novas práticas de lazer na afirmação do turismo religioso. **Licere**, v. 13, n. 14, 2010

MESQUITA, F. A. A Veneração aos Santos no Catolicismo popular brasileiro – Uma aproximação histórico-teológica. **REVISTA DE TEOLOGIA (RevEleTeo)**. v. 9, n. 15, 2015.

PELEGRINI, S. C. A. A gestão do patrimônio Imaterial Brasileiro na contemporaneidade. **HISTÓRIA**, v. 27, n. 2, 2008.

PELEGRINI, S. C. A.; FUNARI, P. P. O que é patrimônio cultural imaterial. In: FARINHA, A. B. CARLE, C. B. A diversidade religiosa e o patrimônio imaterial: navegantes e iemanjá em pelotas – RS. **Expressa Extensão**, v.19, n.1, 2014.

PIRES, F. A Festa de São Sebastião em Catingueira: transformações e permanências dez anos depois. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, v. 54, n. 2. 2011.

SARAIVA, A. L. SILVA, J. C. Espacialidade das festas Religiosas em comunidades Ribeirinhas. **PRESENÇA REVISTA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E MEIO AMBIENTE**, v. VIII, n. 29, 2004.

SILVEIRA, M. F. A festa como um bem de referência do patrimônio cultural imaterial: O caso da folia de Zé Pereira no Ribeirão da Ilha. **Cadernos NAUI**, v. 1, n.1, 2012.

SOUZA, C. G. G. Patrimônio Cultural: o processo de ampliação de sua concepção e suas repercussões. **Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília**, n. 7, 2008.

SOUZA, R. L. Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular. **Ed. IFRN**, Natal: 2013. 160p.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. Disponível em: <http://www.trtsp.jus.br/legislacao/constituicao-federal-emendas>. Acesso em 07. 08. 2016.

CRUZ TERRA SANTA- Disponível em <http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-ines/86/102/>. Acesso em 28. 03. 2017

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250570&idtema=16&search=|s%EDntese-das-informa%E7%F5es>. Acesso em 28. 03. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL-IPHAN- Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em 02. 04. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO A CIÊNCIA E A CULTURA- UNESCO- Disponível em <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/> Acesso em 02.04.2017

PASCOL – PASTORAL DA COMUNICAÇÃO- Disponível em <http://www.paroquiasantainesesasaosebastiao.com/2011/01/nossas-capelas.html> Acesso em 28. 03. 2017

DEPOIMENTO ORAL

Maria Nilma Pereira Borges. Depoimento realizado no dia 14 de janeiro de 2017.

Edson Felipe Pereira da Silva. Depoimento realizado no dia 14 de janeiro de 2017.

ANEXO A. Modelo da carta de cessão.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CARTA DE CESSÃO

Dona Inês – PB ____/____/____

Eu, _____

Estado civil _____, Documento de Identidade Nº _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada no dia 14 de janeiro de 2017 (14/01/2017) para o entrevistador **Renata Lúcio de Oliveira Araújo**, usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objetivo dessa carta cessão, subscrevo a presente.

Assinatura do depoente